

PINGA-FOGO

■ **BAIANO OU MINEIRO NO STF** - A vaga do ministro Luís Barroso já começa a ser disputada. Na posse do STF, o comentário era sobre as chances do ministro Bruno Dantas, do TCU; ou do senador Rodrigo Pacheco. Em outros tempos as relações empresariais do baiano Dantas pesariam contra. Hoje, viraram predi-cados. Já o mineiro Pacheco tem Davi Alcolumbre como forte pa-drinho. O jogo está sendo jogado.

■ **RINHA DE GALO NO STF** - O ministro Luís Barroso tem chances reais de pegar o boné. O clima no STF não anda nada agra-dável e os bastidores ficam cada dia mais azedos. Ele anda de saco cheio. Em uma recente rusga en-tre dois ministros, o que se sen-tiu ameaçado pelo estreante, re-trucou: “quero lhe lembrar que eu sou bem mais novo. Quando você se aposentar, eu continuarei mi-nistro por um longo tempo”. As ameaças pararam na hora.

■ **DEMISSÕES E PERSEGUI-ÇÕES NA FIRJAN** - Depois de desagradar todos os integrantes do primeiro escalão do Gover-no do Estado, que estavam pre-sentes no último almoço em-presarial do LIDE RJ, com uma palestra terceirizada, na qual o seu preposto traçou um assusta-dor quadro sobre a realidade flu-minense, o novo presidente da Firjan, Luiz Césio Caetano, de-monstrou não ter o mínimo pre-paro para aguentar críticas. O registro feito na coluna gerou uma reação desproporcional do novo dirigente empresarial, que demonstra não compreender a função pública que exerce e as possíveis críticas que pode rece-ber por sua atuação pública.

■ Luiz Caetano, entretido pela degustação do prato que come-çou a ser servido enquanto estava no púlpito, fez a introdução, repas-sou a palestra ao colaborador e re-tornou à mesa a tempo de provar o delicioso filé da cozinha do Fair-mont, deixando seu assecla massa-crando a imagem do Rio para pos-síveis investidores.

■ Depois de ter ocupado um papel secundário na gestão an-terior, o executivo da Refinaria Nacional de Sal S/A, a Sal Cis-ne, Luiz Césio Caetano foi es-colhido para assumir a entida-de. Foi só sentar na cadeira para apresentar uma postura bem di-ferente da fase de transição. Ser presidente da Firjan não lhe ga-rante imunidade a críticas, se-jam internas ou externas. Neste seu voo de Cisne, ele está redese-nhando a fábula do patinho feio que vira Cisne. O que assistimos é um Cisne virando patinho feio por atitudes mesquinhas como a demissão que promoveu afastan-do hoje antigos e valorosos cola-boradores.

Conselho de Contribuintes do Município do Rio celebra 50 anos de criação

Neste 29 de setembro de 2025, o Conselho de Contribuintes do Município (CCM) completou meio século de existência, celebrando uma traje-tória marcada pelo compromisso de harmonizar o interesse público e a justiça tributária, promoven-do decisões técnicas, imparciais e pautadas pela legalidade. Integrante da estrutura da Secretaria Municipal de Fazenda, o órgão atua no julgamen-to, em segunda instância, de recursos voluntá-rios e ex officio interpostos contra decisões finais proferidas pela primeira instância, referentes a processos administrativo-tributários de natureza contenciosa envolvendo ISS, IPTU, ITBI e Taxas municipais.

A criação do Conselho foi prevista no primeiro Código Tributário do Município do Rio de Janei-ro (CTM), instituído pelo Decreto-Lei nº 6, de 15 de março de 1975 — mesma data da fusão do anti-go Estado do Rio de Janeiro com o Estado da Gua-nabara. Posteriormente, em 22 de julho de 1975, os artigos 46 a 50 do Processo Administrativo Tributário (PAT) definiram sua composição: oito Conselheiros, sendo quatro representantes do Mu-nicípio e quatro dos Contribuintes, configuração que permanece até hoje. O início efetivo de suas atividades ocorreu em 29 de setembro de 1975, com a publicação do primeiro Regimento Interno.

Ao longo dessas cinco décadas, o Conselho contou com ilustres Conselheiros e Represent-antes da Fazenda, como Abdias do Nascimento, Aziz Ahmed, Benedito de Azevedo Barros, Deni-se Camolez, Miguel Grimaldi Cabral de Andrade, José Cid Fernandes Filho, Julio Cesar Catalano, Pedro Gomes Valente, Rivadávia Maya e Vera Lu-cia Ferreira de Melo Henriques. Destacam-se ain-da os saudosos professores e juristas Ricardo Lobo Torres e Fernando da Costa Guimarães — este último atuou por 35 anos no Conselho e foi ho-menageado postumamente ao dar nome ao Plená-rio do CCM, espaço onde são realizadas as sessões públicas de julgamento.

“O que vemos nestes 50 anos é um legado construído com o trabalho e a dedicação de Con-selheiros, Representantes da Fazenda e servidores que, ao longo das décadas, transformaram o órgão em referência no âmbito administrativo-fiscal do

■ Foram demitidos da Firjan nesta segunda-feira: o ex-embaixador Fre-derico Araújo, que ocupou as embai-xadas do Brasil em Santiago, Austrá-lia, Bolívia; a Ex-chefe cerimonial do Presidente Fernando Henrique Car-doso, Beatriz de Vicq, que ocupava a chefia gabinete da presidência; Ângela Cunha, assessora de Relações com As-sociados; e Tatiana Ávila, assessora in-ternacional da entidade. Todos afas-tados de uma só vez. Perde a entidade colaboradores de peso e depois se di-zem incomodados quando a Imprensa registra que a Firjan se apequenou.

■ Sobre a matéria publicada pelo Correio da Manhã, Luiz Caetano emitiu o seguinte comentário, es-quecendo de lembrar que o jornal estava presente ao evento no qual ele trocou a chance de fazer uma pales-tra para uma plateia repleta de em-presários e preferiu retornar à mesa principal para degustar o delicioso almoço. Mesa que tinha a presença atenta da direção deste Jornal:

■ “Prezados. Diante desta matéria danosa à Firjan de 26 último no Co-reio da Manhã, com ataques grossei-ros, desrespeitosos, falaciosos e fac-ciosos à Instituição, a Colaborador e ao Presidente, e após reflexões dos acontecimentos preteritos e recentes, e ainda as investidas contra a Firjan e a nossa gestão, determinei hoje medi-das para limitar estas ações e influên-cias lesivas ao ambiente da Casa. Me-didas que entendi minimamente e absolutamente necessárias neste sen-tido. Atte. Luiz Césio Caetano.”

■ Ele rebate afirmando: “ataques grosseiros, desrespeitosos, falaciosos e facciosos a Instituição”. Neste ponto foi verdadeiro. Não classificou como in-verídicos. Já que toda a sua rápida pas-sagem pelo púlpito, retornando ao al-moço, foi gravada, assim como as telas exibidas com ataques ao Rio pelo seu preposto.

■ Curiosa vai ser assistir a reação dos acionistas da Refinaria Na-

cional de Sal S/A, a Sal Cisne, em ver o seu colaborador implodin-do a entidade que passou a dirigir de forma voluntária, já que o car-go não é remunerado. O que se-ria um momento de orgulho para a companhia, vai virar uma en-cenação grotesca de “A Morte do Cisne”, o famoso solo de balé co-reografado por Mikhail Fokine para a bailarina Anna Pavlova em 1905, com a decadência precoce de uma gestão que ficou velha ra-pidamente.

■ FIRJANJA - O tímido Luiz Césio Caetano manteve a sua renda familiar ligada aos cofres da entidade que preside. A Fe-deração das Indústrias do Rio de Janeiro tem a sua versão lo-cal da primeira-dama, Janja da Silva. Apesar de recomendações, ele não incluiu na lista de demiti-dos a sua esposa Kátia Turra Ma-touk, que também tem o sobre-nome Caetano Alves.

■ Ela está a pleno vapor no pa-pel de primeira-dama, inclusive se contrapondo a vice-presiden-tes e diretores. Ela teria participa-do ativamente da elaboração das listas de demitidos e desta primei-ra leva. Um clima de FIRJANJA, que contraria qualquer regra de compliance. Ela ocupa o cargo de Gerente Firjan II. Está na Federa-ção há 26 anos e há 10 casada com Caetano.

■ Ouvido pela coluna, um espe-cialista de compliance conside-ra que não é de bom tom que o presidente de uma entidade, que vive de contribuições associati-vas e de verbas oriundas do sis-tema S, tenha o seu cônjuge em função remunerada pela entida-de. O correto seria uma licença sem vencimentos para a primeira-dama, enquanto durasse o man-dato do marido, que pelo andar da carruagem deverá ser de um só período de gestão.



MAGNAVITA

claudio.magnavita@gmail.com

@colunamagnavita



Na foto, os integrantes do Conselho de Contruibuintes do Município do Rio junto ao decano Alfredo Lopes

país. Para exemplificar, lembramos o terrível qua-drante da pandemia de Covid-19, que paralisou uma parcela expressiva dos serviços públicos em todo o território nacional. No entanto, para não interrompermos a prestação de serviços aos cida-dãos contribuintes, viabilizamos os chamados jul-gamentos virtuais, sendo pioneiros desta prática administrativa no país”, declara o atual presidente do Conselho de Contribuintes Fernando Miguez.

Atualmente, a composição do Conselho de Contribuintes reúne juventude e experiência, ga-rantindo inovação, eficiência, qualidade e segu-rança jurídica em suas decisões. São Conselheiros Titulares, em ordem alfabética: Alfredo Lopes, Berith Santana, Fernando Miguez, Hevelyn Bri-chi, Iuri Francescutti, Marco Antonio Macedo, Rafael Rodrigues e Renato Bravo. São Conselhei-ros Suplentes: Abel Pinheiro, Andrea Veloso, Ân-gela Medeiros, Eduardo Gazale, Gabriel Abrantes, Maria Nazaré Monteiro e Marcio Breno. São Re-presentantes da Fazenda: André Brugni, Murilo Vasconcelos, Rachel Guedes, Sidney Leonardo e Tiago Campos.

O Conselho é presidido por Fernando Miguez Bastos da Silva, Auditor Fiscal com 40 anos de ser-viços prestados à Prefeitura do Rio, dos quais 25 dedicados ao contencioso administrativo-fiscal. O vice-presidente é o Procurador do Município Marco Antonio Ferreira Macedo, ex-Procurador- -Chefe da Procuradoria Tributária. A Secretaria do CCM é conduzida por Claudia Bernardo Cor-rêa Lima, Agente de Fazenda que exerce a função há 23 anos de forma ininterrupta.

“O Conselho de Contribuintes do Município do Rio de Janeiro seguirá sua missão no sentido de assegurar justiça fiscal, equilíbrio e transparência na relação entre o Fisco e a sociedade, consolidan-do-se como um espaço democrático de diálogo, garantindo ao contribuinte carioca o direito de defesa e colaborando para o fortalecimento da cidadania tributária. Temos muito orgulho em contar com esta trajetória de credibilidade, respei-to e compromisso com a sociedade carioca. Que os próximos anos tragam avanços e conquistas adicionais em prol dos cidadãos contribuintes de nosso Município”, afirma Fernando Miguez.

Fernando Molica

As razões de Eduardo Bolsonaro para ser radical

A postura radical do deputado Eduardo Bolsonaro (PL-SP) faz sentido: ele, seu pai e seus irmãos temem uma diluição do bolsonarismo na ge-leia geral da política brasileira.

Isso comprometeria a identidade da extrema-direita no sempre bem-ser-vido prato feito que mistura altas dos-es de patrimonialismo com leves tem-peros de conservadorismo — de ismo em ismo, o Centrão enche o papo. Eduardo também briga com irmãos e madrastra pelo espólio eleitoral do pai.

O bolsonarismo é radical, ex-cludente, violento e que precisa de inimigos, reais ou imaginários, bem definidos (Paulo Freire, Lei Rouanet, globalismo, petismo). Assim como ou-tros movimentos semelhantes gerados a partir do início do século XX, não

foi criado para oferecer uma perspec-tiva de pacificação ou de composição, mas para brigar.

Para sobreviver e crescer, tem que rejeitar a conciliação. Precisa da ten-são, do ódio, de um estado permanen-te de luta. Tem necessidade de cultivar o medo em relação ao outro, o diferen-te. Daí o encaixe do bolsonarismo com a lógica religiosa cristã, de luta do bem contra o mal, de Deus contra o diabo — não há MDB que consiga articular acordo de convivência entre estes dois opostos.

Na Presidência, para garantir que não seria deposto e para se livrar da trabalhadeira do cargo, entregou a admi-nistração para o Centrão, mas mante-ve o controle da cara do governo. Dei-xou que os aliados fizessem suas farras

na Codevasf e se lambuzassem com as emendas, mas foi rígido com temas capazes de traduzir seu jeito de inter-pretar o mundo. Foi assim na parceria com o coronavírus, na transformação da Polícia Rodoviária Federal numa espécie de milícia pessoal.

A implicância de Eduardo com Tar-císio de Freitas (Republicanos), faz, as-sim, todo o sentido. Eleito graças à bên-ção de Jair Bolsonaro, o governador de São Paulo busca representar uma versão moderada do movimento capitaneado pelo ex-presidente, como se fosse possí-vel traçar uma reta meio curva. Faz ca-rinho na Faria Lima ao mesmo tempo que mantém o fornecimento de carne crua para as multidões ávidas de sangue.

Diferentemente do PT, que sempre buscou se mostrar confiável ao que se con-

vencionou chamar de “sistema”, o bolso-narismo precisa manter sua fama de não domesticável. Nisto, tem uma vantagem: até por ser um movimento de direita, comprometido com o capitalismo, sobre ele não pairam suspeitas de socialização dos meios de produção.

Para ganhar eleições, o sindicalis-ta Lula aparou a barba, passou a usar ternos elegantes; a guerrilheira Dilma Rousseff emagreceu, fez harmonização facial, modernizou penteado e optou por óculos de armação mais leve. Para conquistar maioria no Congresso, o PT abriu mão do discurso de cobrança de honestidade que levava Leonel Brizola a chamá-lo de UDB de tamanco e maca-cão. A convivência com o lado podre da política cobrou seu preço até mesmo no PT, teve gente que, de tanto brincar de

princesa, acostumou na fantasia.

O problema do bolsonarismo é ou-tro. O grupo não está nem aí para as estrepolias do PL-raiz, para a contabili-dade criativa que caracteriza o Centráo — vale tudo, desde que o núcleo ideológico seja preservado.

Apesar da aproximação com igrejas evangélicas, desde sempre caracteri-zadas pela descentralização, o bolso-narismo atua mais como o Vaticano e suas doutrinas rígidas e inegociáveis — sua Bíblia não admite interpretações.

Na dúvida, manda para a fogueira adversários ou aliados que custeiam o alambrado. Numa dessas, pode se queimar feio, mas isso é do jogo. O que não quer é perder o fogo, proprie-dade de um determinado mito que não pode ser compartilhada com mortais.